



Ano 3 | # 1 | edição quadrimestral | janeiro a abril de 2010

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

## Carlos Lacerda – ação e reflexão de um obstinado profissional

Fábio Ciaccia Rodrigues Caldas<sup>1</sup>

### Resumo

A história jornalística de Carlos Lacerda se entrelaça com sua trajetória política. Este trabalho aborda seu pensamento jornalístico, e as relações entre sua vida política e o exercício do jornalismo. Carlos Lacerda foi polêmico, foi duro, mas deixou como legado um estilo inconfundível e importantes opiniões sobre os caminhos para o desenvolvimento do jornalismo brasileiro.

**Palavras Chave:** Carlos Lacerda, pensamento jornalístico, imprensa no Brasil.

### Introdução

Carlos Frederico Werneck de Lacerda pode ser considerado como uma das figuras mais marcantes da vida nacional. Jornalista desde muito cedo, político controverso, envolveu-se durante sua trajetória em conflitos com amigos e inimigos. Tinha plena consciência que suas palavras poderiam afastar pessoas próximas, mas nem por isso deixava de falar. “Coleciono inimigos também. Sempre pronto a me livrar deles, transformando-os em amigos. É natural, pois, que alguns amigos, às vezes, se transformam em inimigos, como compensação” (Lacerda, 2001, p.56).

Nascido em 30 de abril de 1914, na cidade de Vassouras, Rio de Janeiro, numa família de políticos, aprendeu desde cedo os caminhos da opinião e das lutas. Iniciou carreira jornalística em 1929, ficando marcado por sua ferrenha oposição ao comunismo e presidentes da república, entre eles Getúlio Vargas e os presidentes militares. Porém

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação Social

suas posições políticas navegavam livremente. Sentia orgulho de mudar de posição quando percebia algo errado no que defendia anteriormente. Assim explica sua saída do partido comunista – tema controverso como veremos adiante – e pode ser explicado o afastamento dos militares após o movimento de 1964, tão apoiado por Lacerda antes de primeiro de abril daquele ano.

Fora do eixo familiar, a principal influencia de Lacerda foi Rui Barbosa. Em *Missão da Imprensa* seu nome é inúmeras vezes citado, sempre sendo lembrado como um grande mestre. Antes de fazer uma citação de trabalho de Rui, Lacerda escreveu: “Estou possuído daquela convicção que se apossou de Rui, o mestre que mais se desdenha quanto mais ganham relevo as lições que deixou a este país, quando disse:” prosseguindo com o trecho.

Entre paixões e ódios, entre admiradores e perseguidores, o jornalista defendia ferrenhamente a liberdade da imprensa e a necessidade do jornalista adotar posições claras e firmes. Porém não escapou aos deslizes totalitários que o poder oferece. Usou a censura quando governador do estado da Guanabara, sendo inclusive alvo de denúncia que pedia sua expulsão da Sociedade Interamericana de Imprensa.

Carlos Lacerda foi controverso, podendo ser acusado até mesmo de contraditório, mas deixou para os futuros profissionais do jornalismo uma diretriz na busca pela qualidade profissional em seu livro *A missão da imprensa*, o mais importante de sua obra quando falamos de pensamento jornalístico. Muitos pontos são questionados, o que não é novidade para quem estuda ou tem como profissão a arte de transmitir notícias e participar da formação da opinião pública. Mas veremos no decorrer deste trabalho que o pensamento jornalístico tem seu espaço reservado para as ideias deste respeitável profissional.

### **O surgimento do espírito contestador e a entrada no jornalismo**

Nascido em uma família de políticos, Lacerda cresceu vendo seu pai e seu avô envolvidos em constantes disputas com adversários. Nutria grande admiração pelos dois, chegando a afirmar que seu pai, Maurício de Lacerda, era “um dos raros políticos que conheci, interessado em ler mais do que os jornais do dia” (Lacerda, 2001, p. 19). Na política Maurício exerceu o cargo de deputado federal por duas vezes e outras duas o papel de revolucionário. Participou da Aliança Nacional Libertadora e foi acusado de envolvimento com o levante comunista de 1935. Além da política, Maurício atuava também como jornalista.

Já o avô, Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda foi ministro da Indústria, Viação e Obras do governo Prudente de Moraes e ministro do Supremo Tribunal Federal.

O envolvimento político da família não parava por aí, sendo seus tios, Fernando e Paulo de Lacerda, líderes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Neste ponto surge o primeiro contato de Carlos com o comunismo, que posteriormente marcaria sua carreira política e jornalística, sendo sua filiação ou não ao PCB um ponto de controvérsia. Indiretamente foi pelas mãos do avô que tomou gosto pelo jornalismo, ou pelo menos conheceu sua primeira máquina de escrever:

Na frente da casa, dando para as roseiras lá em baixo, num caprichoso jardim todo de volutas e simetrias, que meu avô desenhou no fim da vida, havia uma sala menor chamada O ESCRITORINHO, onde descobri a enorme máquina de escrever na qual dedilhei minhas primeiras letras datilografadas, como que hoje faço com dois dedos. (Lacerda, 2001, p. 53)

Também neste “escritorinho” estava a biblioteca de seu avô, que contava com livros de autores diversos como Fagundes Varela, Gonçalves Dias e Camilo Castelo Branco, entre outros.

O jornalismo não foi a primeira carreira de Lacerda. Antes disso atuou como vendedor de barro refratário por vinte e quatro horas e como advogado. Mas não era aquele o seu lugar e sabendo disso decidiu pela mudança. Iniciou carreira jornalística pouco antes da revolução de 1930, no Diário de Notícias, exercendo a função de articulista, sob a direção de Cecília Meirelles. Mais tarde comentaria sua desistência das profissões anteriores: “respeito a advocacia como respeito o barro refratário. Mas, se tenho os dois no jornalismo, para que procurá-los fora dele?” (Lacerda, 1990. P 24).

Em 1931 publica seu primeiro artigo no jornal, o que marca sua efetiva estréia na profissão. O estilo arrojado e duro são características do texto de Lacerda, conferindo mais do que uma marca, uma série de inimigos e perseguições. Entretanto a primeira grande mudança em sua vida ocorre em 1938 quando, por causa do casamento, passou a buscar mais estabilidade profissional.

Seu prestígio alcançado junto ao meio jornalístico e a proximidade com os comunistas auxiliam Lacerda a conseguir uma vaga de secretário de redação de O Jornal, editado pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, assim como a oportunidade de escrever para a revista Diretrizes, de Samuel Wainer.

Na busca pela colocação profissional, Lacerda não guardava limites ideológicos. Mantinha estreita relação com a esquerda, mas não deixou de aceitar o convite para escrever na revista Observador Econômico e Financeiro, dirigida por pessoas ligadas ao governo de Vargas.

Porém no final de 1938 a situação complica-se e Carlos Lacerda sofre um grande revés. Em comemoração ao primeiro aniversário de implantação do Estado Novo o governo federal organizou uma série de eventos, tendo como um dos temas a derrota do comunismo. A direção da revista Observador Econômico e Financeiro abre espaço para a cobertura dos eventos, sendo para isso financiada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Lacerda é destacado para escrever uma matéria sobre a história do PCB. Lastreado em sua amizade com comunistas históricos, principalmente por causa de sua família, o jornalista consegue importantes informações sobre a história do comunismo brasileiro com Astrojildo Pereira, dirigente do partido e também com Eugênia Moreyra, esposa do escritor Álvaro Moreyra.

Entretanto, com a publicação da matéria, intitulada *A Exposição Anticomunista*, o jornalista cai em desgraça junto à esquerda nacional. Na reportagem Lacerda faz críticas ferozes ao movimento e ao partido comunista internacional. Como resultado é expulso do partido e “condenado” ao ostracismo. Seus companheiros passam a evitá-lo e sua carreira é seriamente prejudicada.

Neste ponto tem início uma grande discussão sobre a biografia do jornalista. Lacerda nunca admitiu a expulsão do partido, uma vez que dizia sequer ter sido algum dia filiado:

Nunca pertenci ao Partido nem à Juventude Comunista. Deixei que durante tantos anos amigos e inimigos repetissem essa informação errada, apenas por amor à idéia geral e horror à covardia. Para ser comunista só me faltou, precisamente, ser membro do Partido ou de uma de suas organizações autorizadas. Portanto não havia o que desmentir, senão por amo à informação exata. E quem se importa com a informação exata? Quando ser comunista tornou-se prova de inteligência, ter sido, e não ser mais, converteu-se em demonstração de reacionarismo e traição. Deixei que o dissessem aqueles muitos comunistas que me conheceram e que por força do artigo 13 do primitivo estatuto do Partido no Brasil eram proibidos de falar com os renegados (Lacerda, 2001, p. 151).

Apesar das diferenças de versões, o certo é que Lacerda teve muitos problemas a partir desta ruptura com os comunistas. Sua imagem ficaria marcada como traidor e responsável por inúmeras prisões e mortes de membros do Partido. Porém falta substância nesta acusação, uma vez que em 1938 o DIP já tinha rastreado os principais

dirigentes do PCB e a matéria de Lacerda pouca informação desconhecida trouxe à público.

Mesmo assim seus companheiros de profissão passaram a olhar de forma enviesada para o jornalista, sendo este acusado principalmente de ter recebido dinheiro do governo para escrever a matéria.

A situação financeira de Lacerda era complicada, principalmente com o nascimento de seu primeiro filho, Sérgio, em 1938. Como a censura diminuía as oportunidades profissionais, poucos espaços existiam para se ocupar no mercado.

Entretanto o jornalista contava com a ajuda de amigos e Samuel Wainer ofereceu a função de chefe da seção literária da revista Diretrizes. Anos depois Wainer assumiria ter sido um erro este convite, pois Lacerda causaria grandes problemas na redação. Logo de início escreveu uma resenha extremamente dura contra o poeta Jorge de Lima. Seus próximos alvos foram Cândido Portinari e Mário de Andrade.

Sua situação na redação ficou insustentável e os colegas pediram sua dispensa a Wainer que, para conter a insatisfação geral, o demitiu. Nascia aí uma das maiores inimizades da história do jornalismo brasileiro, que ganhou ares de guerra anos depois, no episódio conhecido como “Caso Última Hora.”

Com a saída de Diretrizes Lacerda vagou por outras publicações de menor porte e trabalhou até mesmo em uma agência de propaganda. Foi neste período que Chateaubriand o convidou para trabalhar em O Jornal, onde ficou até 1944. Seu desligamento dos Diários Associados deu-se por não aceitar o fato de ter sido preterido na escolha do correspondente da Segunda Guerra Mundial, na Europa e por não aceitar as ordens do proprietário da empresa.

Assim, no final de 1944 estava novamente Carlos Lacerda desempregado, atuando apenas como *free-lancer* no Diário Carioca e no Correio da Manhã, onde escrevia a coluna *Na Tribuna da Imprensa*.

Já aqui o que movia Carlos Lacerda era a luta contra o Estado Novo. Buscou algumas vezes a aproximação com a ala da esquerda não relacionada ao PCB, mas o passado ainda o perseguia. Assim, filiou-se à UDN e apoiou o Brigadeiro Eduardo Gomes na campanha sucessória ao governo Getúlio Vargas, sendo, porém, derrotado pelo candidato apoiado pelo governo, Eurico Gaspar Dutra.

A partir de então, Lacerda passou a perseguir de todas as formas Getúlio e todas as pessoas que tivessem qualquer relação com ele. Atacava o projeto de nacionalização das riquezas naturais do Brasil, defendendo a participação de capital internacional na exploração do petróleo. Sua luta era tão obcecada que passou a fazer críticas à família

de Soares Sampaio-Corrêa e Castro, proprietário da Refinaria e Exploração de Petróleo União S/A, de São Paulo, um dos grupos que disputava a concessão para refino do petróleo brasileiro.

Mas Lacerda cometera mais uma vez o erro de elevar seu tom contra a pessoa errada, ou pelo menos não medir as possíveis conseqüências de suas críticas. O empresário era amigo pessoal do proprietário do Correio da Manhã, Paulo Bittencourt, que constrangido com a situação demitiu o jornalista.

A perda do emprego foi rapidamente absorvida por Lacerda que finalmente conseguiu uma oportunidade de exercer o jornalismo da forma que acreditava ser a correta: perseguir a verdade a qualquer custo e dela nunca se desviar.

Incentivado por seus amigos Aluísio Alves, deputado pela UDN do Rio Grande do Norte, e Luís Camilo de Oliveira Neto aceitou o desafio de lançar seu próprio jornal, financiado por grupos empresariais ligados ao capital estrangeiro.

Assim, em 27 de dezembro de 1949, a Tribuna da Imprensa é editada pela primeira vez e seguiu servindo como plataforma para que Lacerda perseguisse seus opositores, principalmente os ligados ao getulismo, transformando-se também em importante ferramenta em sua carreira política.

### **O pensamento jornalístico de Lacerda**

A Tribuna da Imprensa foi o espaço privilegiado que Lacerda teve para poder colocar em prática seu ideal de jornalismo. Não mais precisava temer pelas conseqüências de seus ataques ou pensar se o alvo era ou não amigo de seus patrões. O jornalista levou ao extremo sua linha de pensamento, conquistando assim tantos admiradores quanto inimigos.

O pensamento jornalístico de Carlos Lacerda é expresso com riqueza de detalhes no livro *A Missão da Imprensa*. Alguns pontos, entretanto, como a defesa da liberdade do jornalismo são posteriormente questionados por seus críticos, principalmente quando confrontados seus atos quando governador da Guanabara.

O primeiro ponto que merece destaque na ideologia de Lacerda é sua visão sobre a missão do jornalismo e do profissional da área.

Acreditava que duas deviam ser as preocupações do profissional: agir tendo em vista o bem público e ter provas ou pelo menos presunções válidas sobre os pontos que abordasse. Estando o jornalista cercado desses parâmetros, suas críticas poderiam ser aceitas e este não deveria ser acusado de desvio da função. Percebeu, porém, que parte

da imprensa não seguia estas regras vendendo-se por favores e benefícios do governo ou da elite empresarial:

Quando, porém, busca o êxito imediato e se submete aos poderosos, corteja uma popularidade nascida da adulação ao povo – quando é este o poderoso, ou o do tirano, quando este é o dispensador de favores, então está condenado a não ser mais do que uma pálida, inconseqüente crônica de cada dia. Será então apenas folhinha, cartaz, volante, boletim (Lacerda, 1990. P 37).

Lacerda via o jornalismo como uma forma de simplificar o que acontecia no país para que as pessoas entendessem e conseguissem participar da vida política. Não devemos entender por simplificação o ato de suprimir informação, mas sim como tradução. O jornalista não deveria ser apenas o formador de opinião, mas sim o intérprete da sociedade. Caímos aqui no primeiro ponto de conflito no pensamento lacerdista, pois a partir do momento em que o jornalista toma para si a função de interpretar os fatos, pode conscientemente ou não distorcer a realidade. Mas voltamos para as duas regras básicas apresentadas anteriormente para justificar tal pensamento. Se o jornalista usa de bases sólidas em sua crítica e atua pelo bem do povo dificilmente desviará sua rota, como Lacerda deixa claro em *A Missão da Imprensa*:

Se ele visa, constante e progressivamente, a melhoria da sociedade, a restituição do homem ao seu natural pendor para a bondade e o amor, o uso do seu livre-arbítrio, de sua razão, de sua inclinação para o reconhecimento do bem, então ele desempenha retamente a sua missão (Lacerda, 1990. P 37).

O jornalista acreditava que a imprensa deveria apresentar aos leitores um quadro sobre o qual pudessem atuar. Somente por meio da informação as pessoas conseguiriam tomar para si a cidadania, evitando assim que o poder fosse assumido por políticos despreparados e que as negociatas acontecessem livremente.

O profissional do jornalismo deveria ser atento a todos os movimentos que aconteciam. Estar sempre pronto para ver e falar sobre o que viu. Nunca poderia calar, a partir do momento que tivesse uma informação nas mãos. O silêncio era considerado por Lacerda um erro maior do que o excesso, uma vez que soava como favorecimento, algo que este se mostrava totalmente contrário.

A afirmação de alguns críticos de que sua postura não ajudava a construir um país melhor muito o desagradava. Para ele, a função do jornalista não é a de construir, devendo esse ofício ficar por conta dos pedreiros. Acreditava sim que os profissionais da imprensa eram zeladores da sociedade, sendo que

Próprio do jornalista, antes de tudo, é ‘ver’. E, uma vez visto, dizer o que viu. (...) Pois do jornalista não se exija que construa senão aquilo que lhe é próprio construir: uma opinião pública bem informada, atenta, vigilante, esclarecida. (Lacerda, 1990. P 27).

A postura jornalística defendida por Lacerda abre espaço para as discussões quanto ao limite ético que deve ser respeitado pelos profissionais da área. Não entendia ser cabível condenar um jornalista que apenas transcreve o pensamento dominante da sociedade, que se transforma no interlocutor das massas. Porém, fica o questionamento de qual é a voz corrente do povo. Como saber que a opinião apresentada pelos profissionais do jornalismo não está apenas ligada a conveniências. Transportar a discussão apenas para o nível da intenção é um caminho delicado, uma vez que em poucos casos as ligações dos profissionais da informação com grupos de interesse podem ser comprovadas. Carlos Lacerda afirma em *A Missão da Imprensa* que os profissionais que usam esta liberdade para outros fins que não a defesa dos interesses da sociedade devem ser condenados pelos tribunais, mas também ao desprezo geral.

Entramos assim no segundo ponto de destaque do pensamento lacerdista, os problemas que assolam o jornalismo.

O jornalista defendia a ideia da impossibilidade de culpar apenas os profissionais pelos deslizes que tinham, deixando de lado a parcela de culpa da sociedade. Se a banalidade, a demagogia e o abuso dos temas de pouco interesse dominavam os jornais, era por que a própria sociedade vivia um momento de crise, sendo o jornalismo apenas um reflexo desta situação:

Então desde logo havemos de reconhecer que o fenômeno de decomposição moral, que permite a certos jornais explorar a vida íntima até dos mortos, não é apenas causa, é sobretudo resultado da condescendência, digamos logo, da decomposição de uma sociedade que se roja aos pés desses donos da opinião, enquanto estes, cansados de vender a própria consciência, dedicam-se à tarefa, sem dúvida mais arrojada, de lotear a consciência do povo (Lacerda, 1990. P 33).

Demagogia e sensacionalismo eram problemas que atormentavam Lacerda. Afirmava que a primeira era uma característica da democracia e a segunda, da imprensa livre. Em mais de um momento em *A Missão da Imprensa* cita a demagogia como sendo o grande mal do jornalismo. Critica as fotos usadas pelos jornais de Assis Chateaubriand, afirmando que era escandalosas e desnecessárias. Ataca o Diário da Noite, de São Paulo, por publicar a imagem de uma mão decapitada de uma vítima de acidente, afirmando por fim que “não se publica o que realmente interessa e sim, com mais frequência, aquilo que se quer que venha a interessar” (Lacerda, 1990, p. 51).



Podemos diferenciar duas vertentes nos problemas destacados pelo jornalista à imprensa nacional. A primeira é com relação à administração das empresas jornalísticas. Via com maus olhos o fato de a maioria dos diretores de jornais não serem profissionais da área. Este fato, segundo ele, fazia com que os jornais mais tivessem a oferecer a eles do que o contrário, abrindo espaço para as relações interesseiras com o poder e o capital.

Defendia, porém, a qualidade dos que trabalhavam nas redações, classificando-os muitas vezes como melhores que os americanos. Mas na seqüência aponta a principal diferença entre um e outro, o que segundo Lacerda é decisivo na qualidade do produto final:

Mas tem este a seu favor, além do fato de ser pago profissionalmente e não como um “bico” completado pela burocracia, na profissão menos burocratizável deste mundo, tem também um jogo de equipe, um espírito de conjunto, considerado o jornal não como uma aventura política, ou uma sortida de negócios, mas como um empreendimento para ficar. Aqui chega-se a fixar ordenados pelos quais o jornalista tem de prover sua substância não pelo que o jornal lhe paga mas pelo que alguém, estranho ao jornal, deverá lhe pagar conforme escreva ou não escreva sobre certos assuntos. (Lacerda, 1990, p. 73)

Ainda no âmbito administrativo, Lacerda criticava o fato de as empresas jornalísticas pouco saberem sobre seus próprios custos, o que gerava uma precificação errada do espaço publicitário e por isso mesmo baixo retorno. Admitia ser o jornal uma empresa, que tinha como produto final a informação, sendo que o público pagava por ela toda vez que comprava um exemplar. Via com bons olhos o desenvolvimento do mercado publicitário. Sabia que o jornal estava passando por um momento de mudança, e a aceitava sem grandes crises:

[...] a publicidade na imprensa está evoluindo no sentido da predominância das lojas de varejo. Isto é um progresso tanto para a imprensa quanto para o país [...]. É a fase em que o anúncio passa do plano do favor para o da verificação da tiragem combinada com a apuração da autoridade do jornal. É a fase das agências. Do jornal-indústria. (Lacerda, 1990, p. 73)

Não aceitava, porém, a ideia do lucro a qualquer custo. Afirmava ser dever do jornal impedir que determinadas propagandas fossem veiculadas, toda vez que a mensagem fosse prejudicial ao público.

Aceitar a industrialização da imprensa não significava abrir mão dos princípios que acreditava serem os norteadores do seu bom desenvolvimento. A imprensa tinha como obrigação, antes de qualquer coisa, ser a zeladora da sociedade e podia para isso

usar o financiamento privado para seu sustento, desde que não perdesse com isso sua liberdade:

Toda a delicadeza do problema consiste em que o jornal, como indústria, não perca, antes aperfeiçoe aquela característica de paixão pelo bem público, que lhe deu alento nas suas bravas e humildes origens. (Lacerda, 1990, p. 73)

A segunda parte dos problemas apontados por Lacerda são ligadas à postura dos jornalistas e suas relações com o poder político e econômico.

Acreditava que os jornais deviam manter sua autonomia, não tendo ligações com partidos políticos, pois somente assim estariam livres para criticar o que de errado acontecesse.

Criticava frontalmente as relações dos empresários do jornalismo com o poder público, sendo este o desfecho de sua inimizade com Samuel Wainer. Lacerda acusava seu desafeto de receber verbas públicas para defender o governo de Vargas. Como dito anteriormente, nunca poupou esforços nos ataques ao presidente e às pessoas que o cercavam e Wainer acumulava o fato de ser alvo de ódio pessoal de Lacerda, ainda por causa de sua demissão da revista *Diretrizes*.

Mesmo apontando vários pontos negativos na imprensa nacional, Lacerda acreditava que existia uma saída, a conscientização dos profissionais:

Não é meu propósito denegrir a imprensa. Os seus defeitos não são incuráveis, mas a condição para corrigi-los está em que lealmente se diga quais são. Dos defeitos de concepção, ou aqueles da ordem material, não há escapar. Mas dos que dependem de um pouco de decência, de respeito próprio e de respeito pelo leitor, ou escapamos ou levamos, na desmoralização da imprensa, a do próprio país, de seu povo, de suas instituições, de todo esse conjunto a que chamamos, com certa ligeireza, civilização cristã. (Lacerda, 1990, p. 71)

Evitar as ligações com grupos de poder era o primeiro passo para garantir a liberdade da imprensa. Mas neste ponto começa a parte mais polêmica da relação de Lacerda com a imprensa.

O discurso lacerdista era o da defesa ampla e irrestrita à liberdade. Questionava porém se os veículos de comunicação sabiam fazer uso desta:

Pois realmente a nossa imprensa muitas vezes dá a impressão de que recuperou um bem que não pretende usar – enquanto outras vezes parece não haver recuperado a liberdade senão para malbaratá-la. (Lacerda, 1990, p. 53)

Porém, Lacerda não entra em muitos detalhes sobre qual seria o uso correto da liberdade de imprensa. Esta dúvida fica mais clara quando observamos que no período em que foi governador do estado da Guanabara o jornalista decretou censura dos órgãos de imprensa do estado, durante a crise que se desenrolou após a renúncia do presidente Jânio Quadros e a tentativa de golpe dos ministros militares que queriam impedir a posse de João Goulart, movimento apoiado pelo governador. Como consequência foi pedida a sua expulsão da Sociedade Interamericana de Imprensa. O único proprietário de jornal de grande circulação que defendeu Lacerda foi Roberto Marinho de O Globo, que assinou editorial na publicação apoiando o então governador.

Não é o objetivo deste trabalho analisar as ações de Carlos Lacerda como político. Entretanto o contraste do discurso jornalístico com a atitude governamental faz com que suas opiniões acerca da liberdade de imprensa sejam questionadas, assim como sua crítica ao uso desta. Fica claro que o caminho político muitas vezes faz com que os ideais antes defendidos na carreira profissional sejam colocados em dúvida, mesmo sob a justificativa da defesa do interesse da sociedade.

Em entrevista à revista O Cruzeiro de 3 de outubro de 1964, Carlos Heitor Cony critica duramente Lacerda, tanto no aspecto literário quanto no político:

P. Mussolini, na mocidade, tentou a literatura, e escreveu, inclusive, uma novela, que passou despercebida. Goebbels, antes de entrar para o Partido Nazista, escreveu duas peças teatrais e não conseguiu vê-las encenadas. Hitler - para não falar em “Minha Luta”, que é um livro político - também teve as suas veleidades literárias, chegando a formular conceitos sobre a arte de ler. Pergunto: não acha você que a frustração literária, refletida no campo da Política, pode conduzir à intolerância política, e, havendo “clima”, até mesmo ao despotismo político?

**Cony:** Qualquer frustração pode gerar qualquer tipo de criminoso. Para não ir muito longe no tempo ou no espaço: temos um notório exemplo do intelectual frustrado que já pode ser conceituado como um criminoso político. O Sr. Carlos Lacerda, depois de um estágio na sublitteratura - com a agravante de reincidir nas horas vagas - enveredou pelo crime: já prega o fechamento do Congresso e a abolição da liberdade de imprensa.

A dura crítica de Cony não foi a única de que Lacerda foi alvo durante sua carreira política. E sua relação com a imprensa, por este motivo, pode ser considerada tensa. Nos últimos dias de seu governo, após participar de um evento público, um correspondente do jornal The New York Times tenta obter uma declaração do ainda governador e recebe como resposta:

Há cinco anos espero a oportunidade de fazer ao Times de Nova Iorque esta declaração. Não a fiz antes para não prejudicar o meu Estado e o meu País, enquanto era governador. Agora estou livre. Posso dizer que o papel do seu jornal com os democratas do Brasil, há muitos anos, desde o tempo da ditadura, é infame. A declaração que tenho a lhe fazer, não creio que você a mande; e, se mandar, não creio que o New York Times a publique, apesar da gabolice de que publica todas as notícias. Quero dizer apenas que desejo a vocês, ao diretor do New York Times, a quantos têm tratado com tanta indignidade e incorreção o esforço dos democratas brasileiros, que tomem a volumosa edição dominical do New York Times, com todas as colunas e suplementos, e a enfiem no lugar mais apropriado, digamos, no lixo. (Lacerda, 2001, p. 167)

Como no ditado popular, Lacerda passou de pedra a vidraça e não administrou bem tal mudança.

### **O regime militar e a volta de Lacerda ao jornalismo**

Apesar de continuar fazendo uso da Tribuna da Imprensa durante o período em que se dedicou ao jornalismo, Lacerda somente retornaria efetivamente à profissão em 1968, quando tem seus direitos políticos cassados pelo regime militar.

Em 1964, Lacerda apoiara o golpe que depôs João Goulart, tendo em vista a possibilidade de um rápido retorno ao regime democrático e a possibilidade de ser eleito presidente da república. Seu apoio aos militares se baseava em dois fatores vistos como ameaças aos projetos políticos do então governador da Guanabara: um golpe militar por parte da esquerda e uma possível volta de Juscelino Kubitschek ao governo.

Pouco depois do golpe afasta-se dos militares e principalmente de Castelo Branco, que era seu eleitor e admirador de sua retórica. Entretanto, algumas posições de Lacerda desagradam o governo e a ruptura acontece pouco depois do movimento completar três meses, em julho de 1964, quando o Congresso aprovava a prorrogação do mandato presidencial.

Neste movimento para evitar as eleições diretas Carlos Lacerda, mesmo sem querer, teve papel fundamental. Foi ele um dos maiores defensores da cassação dos direitos políticos do ex-presidente Kubitschek. O que poderia ser a prévia de sua vitória nas urnas começou a desmoronar nas declarações de Castelo de que a atitude contra um dos candidatos não significava o apoio ao outro. Ou seja, Lacerda não era o candidato do governo e, sem muitas alternativas, e forçado pela “linha dura do exército, o presidente aceitou a prorrogação de seu mandato e posteriormente a indicação de Costa e Silva como seu sucessor.

As relações entre Castelo e Lacerda começaram a deteriorar-se logo no início do novo regime. Nunca haviam se encontrado e na primeira reunião que tiveram o presidente sofreu uma decepção com o governador, como relata Carlos Chagas em *A Guerra das Estrelas*:

Depois, com o nome de Castello muito bem trabalhado para ser o novo presidente, encontraram-se, e a decepção começou. O militar ouviu em silêncio, entre surpreso e amuado, pedido do civil para ser designado para missão temporária no estrangeiro, pois estava cansado, com dificuldades financeiras. A *Tribuna da Imprensa* ia falindo e a falência recaía sobre os ombros de seu filho Sérgio, muito jovem e sem poder ser responsabilizado pela crise. Sua mulher, D. Letícia, estava doente, necessitando tratamento fora do Brasil (Chagas, 1985, p. 81)

As divergências foram se aprofundando cada vez mais, até culminar na separação total. Inicialmente Lacerda atacava apenas membros do ministério e ações do governo, passando depois a mirar sua artilharia para o próprio presidente, a quem chegou a chamar de Napoleão brasileiro, por seu autoritarismo e estatura.

Mas não foi apenas com Castelo que o jornalista teve uma relação de extremos. Com Juscelino a história não foi diferente. Um dos defensores da tese de que Kubitschek não poderia assumir o governo em 1956 foi ferrenho crítico de seu governo e um dos articuladores de sua cassação em 1964. Conseguiu superar o abismo que os separava para formar a Frente Ampla – união entre o ex-presidente, Lacerda e João Goulart – e, no dia da morte de Kubitschek foi um dos primeiros a visitar a viúva Sara para prestar as suas condolências, como relata Josué Montello em *Diário do entardecer*:

Vou sair, para ir ao encontro de D. Sara, também na Avenida Atlântica, quando vem chegando Carlos Lacerda, que salta de um taxi, também emocionado, quase sem poder falar:  
- Estou siderado. Não posso acreditar (Montello, 1991, p. 753).

E segue em seu relato Montello:

Volto com ele ao apartamento de Adolpho. E enquanto o elevador sobe, comigo em silêncio, Carlos Lacerda também em silêncio, vejo que as lágrimas lhe resvalam no rosto tenso, com um leve tremor nos lábios.

Raimundo Dias Carneiro, grande cardiologista, médico de Adolpho, está a atendê-lo, vigiando o coração.

Saio com Lacerda para o apartamento do Presidente, teimando comigo na esperança de um desmentido. Mas ali, infelizmente, já a notícia do desastre fatal é um fato consumado (Montello, 1991, p. 753).

Esta relação com Juscelino exemplifica a consciência que Lacerda tinha da sua relação com os amigos e os inimigos. Realmente quem convivia com ele corria o risco de ser seu próximo inimigo, ou seu futuro melhor amigo. Não importava para Carlos Lacerda essas mudanças, desde que mantivesse seus ideais e seus objetivos em primeiro lugar.

A oposição aos militares e a formação da Frente Ampla levou o governo a cassar os direitos políticos de Lacerda, em dezembro de 1968. Antes disso, um dia após a instauração do AI-5 foi preso, ficando no cárcere por uma semana.

Para conseguir sua liberdade iniciou uma greve de fome, mas esta tentativa não foi bem sucedida e desistiu da estratégia quando foi alertado por seu irmão, Mauricio, de que a imprensa ignorara a atitude e que o Rio de Janeiro continuava sua vida normalmente, como relata Ronaldo Costa Couto em *História indiscreta da ditadura e da abertura – Brasil: 1964 – 1985*.

Após ser solto, Lacerda segue para Europa e posteriormente para a África, como enviado especial dos jornais O Estado de São Paulo e Jornal da Tarde.

Na volta ao Brasil dedicou-se às atividades empresariais nas companhias Crédito Novo Rio, Construtora Novo Rio e nas editoras Nova Fronteira e Nova Aguillar.

### **A morte do Jornalista**

A marca da carreira jornalística e política de Lacerda é a polêmica. Sua relação com o partido a que pertencia, seus pares – em ambas as carreiras – e o povo foi conflituosa, mas nunca fria.

Em 20 maio de 1977 foi internado, vítima de uma forte gripe. Mas o que parecia apenas uma precaução válida para um homem de sessenta e três anos teve um desfecho inesperado. Na madrugada do dia 21 de maio sofreu um enfarto fulminante e morreu no hospital.

José Montello em *Diário do Entardecer* conta como foram os momentos que se seguiram à notícia da morte do jornalista:

E quando Lins Trigueiros desligou, fiquei a olhar o aparelho, siderado, zozzo, com a sensação de que alguma coisa brutal me esmagava, quase a me sufocar (Montello, 1991, p. 817).

E segue mais adiante, já comentando as reações do público durante o velório:

E todos se detêm diante da imobilidade e do silêncio de Carlos Lacerda, pela primeira vez quieto, pela primeira vez mudo, e como adormecido, fora do mundo, livre de nossa realidade contingente (Montello, 1991, p. 818).

E por fim, o enterro:

Vi o ataúde atravessar a entrada estreita e deixei ficar aqui no alto, testemunhando o que jamais imaginara que iria ver: a multidão seguindo o caixão fechado, como se interrompesse o silêncio com o ruído de seus passos e de seu pranto, para explodir mais adiante, quando a terra recolhia o corpo do grande morto – cantando o Hino Nacional (Montello, 1991, p. 818).

O silêncio destacado por Montello era realmente algo estranho ao jornalista. Este prometera não silenciar em vida, como vemos em trecho de *Rosas e pedras de meu caminho* e a morte foi realmente a única capaz de fazê-lo parar de falar:

Por mais que faça, não nasci para me poupar nem para ser poupado. Gostaria de passar despercebido. Não. Não é questão de gostar. É que não sei. Faço com naturalidade o que alguém precisa fazer. Digo com insistência o que muitos preferem não ouvir. Quando me escutam, dizem que falo muito alto. Quando não me ouvem, será por que não falei? Quando silencio, atribuem a algum propósito meu silêncio. Nunca tive outras intenções senão as que declaro. Muito visto e pouco conhecido, creio que assim ficarei até morrer. Mas nunca passarei em silêncio pela vida catando, para arvorar como insígnia os sinais da alienação (Lacerda, 2001, p. 305).

Entre as obras publicadas por Carlos Lacerda se destacam *A missão da imprensa*, *A Casa de meu avô*, *Xanam* e outras histórias e *Rosas e pedras de meu caminho*, editado após a sua morte.

## Conclusão

Neste trabalho a busca central foi a de separar a figura jornalística da política de Carlos Lacerda. A dificuldade, porém, mostrou-se maior do que o imaginado, uma vez que a vida do personagem é intensamente marcada pelos dois.

O jornalista que flertou e contestou o comunismo aparecia na vida do político que usava a tribuna da Câmara Federal ou as que lhe eram oferecidas como governador da Guanabara para atacar todos os que cruzavam seu caminho no sonho presidencial.

Perseguidor incansável de tal objetivo não mediu esforços na tentativa de destruir seus opositores ou os amigos destes.

Mudava de opinião sobre as pessoas com facilidade incrível e louvava esta característica de seu caráter afirmando que ganhava e perdia amigos com extrema facilidade. Foi assim com Samuel Wainer, com Assis Chateaubriand, com Juscelino Kubitschek e tantos outros no desenrolar de sua história.

Suas ideias sobre o jornalismo foram marcadas pela defesa da industrialização dos jornais, desde que para isso respeitassem sua liberdade. Os profissionais das notícias deveriam portar-se não só como formadores de opinião, mas sim como zeladores da sociedade. Deviam observar tudo atentamente e denunciar o que viam, nunca colocando interesses pessoais acima dos do público.

Lacerda teve alguns arranhões em sua biografia jornalística quando decretou a censura da imprensa carioca após a renúncia de Jânio Quadros. Foi combatido por colegas de redação em mais de um momento, não conseguindo ser uma unanimidade ou ao menos bem visto nem pela esquerda, nem pela direita.

Controverso, abusado, duro, mordaz, Carlos Lacerda foi um orador de primeira linha, capaz de se adaptar perfeitamente às diferentes mídias da época, sejam impressas ou eletrônicas.

O pensamento jornalístico e os caminhos seguidos por ele merecem um estudo mais aprofundado e, contestado ou não, o respeito das novas gerações.



## Bibliografia

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

CEPDOC. Disponível em <[http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_jgoulart/htm/biografias/Carlos\\_Lacerda.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jgoulart/htm/biografias/Carlos_Lacerda.asp)> Acesso em 15 de setembro de 2008.

PJ:BR-USP. Disponível em <[http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dic\\_c3.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dic_c3.htm)> Acesso em 15 de setembro de 2008.

O CRUZEIRO. Disponível em: < <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/>> Acesso em 01 de outubro de 2008

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=322MCH003>> Acesso em 01 de outubro de 2008.

REVISTA ELETRÔNICA DO ARQUIVO DO ESTADO. Disponível em <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao31/materia04/>> Acesso em 01 de outubro de 2008.

MONTELLO, Josué. **Diário do entardecer**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

LACERDA, Carlos. **A missão da imprensa**. São Paulo: Com-Arte: Edusp, 1990.

LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CHAGAS, Carlos. **A guerra das estrelas**. 3ª Ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura – Brasil: 1964 – 1985**. 4ª Ed. Rio de Janeiro, 2003.